



## **REPENSANDO OS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO: A ARTE-EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO MORRO DA PIEDADE**

### **RETHINKING EDUCATIONAL SPACES: ART EDUCATION AND NON-FORMAL EDUCATION IN SLUM OF PIEDADE**

DARMANI, Vanessa<sup>1</sup>

VILLAÇAS, Wyller<sup>2</sup>

PATEZ, Mariana Luz<sup>3</sup>

SANTOS, Leonardo Bis dos<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

Existem muitas maneiras de conceber a educação. A educação formal desempenhada pela escola, devido ao processo de construção histórica no qual está inserida, é comumente reconhecida e legitimada como a mais importante a desempenhar este papel. Esse artigo intenciona promover uma reflexão a partir da educação não formal provida através da arte-educação no Morro da Piedade em Vitória, Espírito Santo. O texto divide-se em duas partes. A primeira, apresenta o desenvolvimento do processo de construção do que convencionamos chamar “educação” e discute o potencial educativo da aquisição de conhecimentos de maneira não formal e a relevância na complementação da educação formal, a partir da discussão realizada por Maria da Gloria Gohn. A segunda parte, relata as ações de intervenção artística e educativa realizadas por arte-educadores no território.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte-educação; Educação Não Formal; Morro da Piedade

1 Instituto Federal do Espírito Santo - ifes. Vitória , ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4433-5721>. email: [vanessadarmani@gmail.com](mailto:vanessadarmani@gmail.com)

2 Instituto Federal do Espírito Santo - ifes. Vitória , ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3650-3449>. email: [wvillacas@gmail.com](mailto:wvillacas@gmail.com)

3 Instituto Federal do Espírito Santo - ifes. Vitória , ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2673-426X>. e-mail: [maripatez@gmail.com](mailto:maripatez@gmail.com)

4 Instituto Federal do Espírito Santo - ifes. Vitória , ES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9048-8705>. email: [leonardo.bis@ifes.edu.br](mailto:leonardo.bis@ifes.edu.br)

**ABSTRACT**

There are many ways of conceiving education. Commonly, the formal education performed by the school, due to the process of historical construction in which it is inserted, is recognized and legitimized as the most important to play this role. This article intends to reflect on the non-formal education offered by means of Art Education in the favela Morro da Piedade, in Vitória-ES. The text is divided into two parts. The first part presents a historical account of the process that ended up producing the concept of Education and discusses the potential of non-formal education and its relevance in complementing formal education, based on the discussion carried out by Maria da Glória Gohn. The second part, reports the artistic and educational intervention actions carried out by art-educators in the territory of Piedade.

**KEYWORDS:** Art-education; Non-formal Education; Morro da Piedade

**INTRODUÇÃO**

Quando se pensa no ato de educar é muito comum que esta reflexão traga num primeiro momento a imagem de uma escola tradicional com todo o aparato necessário para que uma pessoa possa ter acesso aos conhecimentos que irão contribuir para a formação humana. É muito comum também, que essa imagem de educação traga a visão da escola como principal espaço de educação. E nessa perspectiva, outras formas de organização e modos de educação acabam não sendo valorizados, legitimados e/ou aceitos como espaços educativos possíveis.

O modelo baseado na transmissão/construção de conteúdos em espaços escolares é conhecido como educação formal, historicamente produzido com a intencionalidade de transmitir a formação necessária ao desenvolvimento de determinados padrões culturais – aquele ‘cimento’ social, cuja função principal é a transmissão, de geração a geração, das normas morais e legais de uma determinada sociedade conferindo à escola um importante papel como agente socializador. Ao analisar o papel da educação na obra de Durkheim, Rodrigues (2007) destaca que a “vida moral [...] será a base dos conteúdos transmitidos na forma de crenças, valores e normas de geração para geração. E que cada nova geração, ao nascer, recebe pronta na forma de educação” (p. 23), garantindo a perpetuação de valores e comportamentos.

Ressaltamos que esta forma de educação privilegia um determinado modelo de ensino. Contudo, entende-se também que o ensino baseado no



modelo formal de educação não é único. Há grande variedade pedagógica, passando desde as mais conservadoras até as mais progressistas. A escola é um dos meios para a formação humana, mas a consolidação das normas morais da sociedade assume outros caminhos e maneiras que coexistem com as instituições escolares. Sua singularidade se assenta em saberes baseados em padrões gerais de conhecimento, legitimados pelas diversas Ciências, que são alterados dados contextos históricos e geográficos, diferentemente, das crenças, valores e normas familiares que obedecem a princípios domésticos e/ou comunitários.

Comumente, a escola aparece como a principal referência na formação humana e reflete em grande medida uma busca pela uniformização do conhecimento humano. Com vistas aos interesses hegemônicos, cria obstáculos a outras manifestações, principalmente, as contra hegemônicas.

Partimos, assim, da premissa que refletir sobre educação, no sentido lato da palavra, implica pensar a pluralidade cultural. Gera a necessidade de reconhecer a diversidade de possibilidades de educar, ou seja, admitir uma ruptura da visão engessada que estabelece um modelo único de educação como instrumento de formação humana.

Pensar a diversidade dos modelos de educação é sobretudo reconhecer a diversidade de povos, culturas e comunidades que coexistem numa sociedade. Nesse sentido, buscamos fundamento no conceito de ecologia de saberes utilizado por Boaventura de Sousa Santos (2007), que se baseia na luta contra as monoculturas – do saber e do rigor, do tempo linear, da naturalização das diferenças, da escala dominante e do produtivismo capitalista. Para o sociólogo português “necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento. Não necessitamos de alternativas, necessitamos é de um pensamento alternativo às alternativas” (SANTOS, 2007, p. 20). Precisamos buscar soluções aos problemas sociais, dentre eles os que acometem a educação, em alternativas para além da modernidade: não temos soluções modernas para os problemas modernos. Precisamos construir e fortalecer caminhos para a formação integral e reconstruir o tempo e o espaço sociais.

Nesse sentido é relevante reconhecer que a construção do indivíduo é caracterizada por um modo de vida formado a partir das interações sociais, que se perpetuam de uma geração à outra, produzindo cultura e que não pode ser dissociada da identidade de um determinado território. Partindo dessa reflexão, é possível considerar que o modo de vida associado às necessidades de atender as demandas da própria comunidade fornecem os elementos necessários que desenvolve o *modus operandi* do trabalho no território, produzindo e transmitindo conhecimentos e aprendizados, para além da



escola, mas nunca dissociado dela. Assim, ressaltamos a importância do diálogo entre escola e comunidade, entre educação formal e não formal, de maneira a transformar ambas, na construção de uma educação que vise a formação integral do ser humano.

Considerando o modo de produção de cada sociedade, a educação formal é concebida, em grande medida, para atender suas necessidades através da manutenção do modo de pensar e viver. Porém, o processo histórico de construção do ensino e aprendizado é fluido e passível de transformação – a educação pode ser ferramenta de transformação. Assim, as experiências do trabalho, observadas num determinado território, nos ensinam muito sobre o lugar e as pessoas que agem nesse espaço, contribuindo para uma leitura mais atenta sobre o papel da educação em um dado tempo e lugar. Almejamos uma educação conformista ou transformadora?

A partir da perspectiva de intervenção social dialógica desenvolvida por Santos e Sgarbi (2019), como um método de mobilização de conhecimentos formais e não-formais para a transformação social, propomos neste artigo uma reflexão sobre como esta intervenção, no âmbito da educação não formal, vem fortalecendo a visão que os moradores do Morro da Piedade têm de si e do papel do poder público no atendimento das necessidades da comunidade. Para isso, retomamos a ideia de construção do modelo educacional formal e sua relação com os modelos de educação não formal e informal, segundo os pressupostos apontados por Gohn (2006), a partir das vivências de intervenções sociais dialógicas e práticas educativas realizadas por grupos artísticos no Morro da Piedade.

## **1. A EDUCAÇÃO COMO ENTENDEMOS HOJE**

Resultado de disputas e conflitos em que predominaram os interesses de diferentes elites hegemônicas ao longo da história, a educação tal qual conhecemos no Brasil foi estruturada para atender as lógicas do mercado de trabalho de um país em desenvolvimento, a partir da ideologia de progresso.

Desde o Brasil colônia até os tempos atuais a lógica de uma educação tradicional está diretamente ligada ao pensamento dominante de cada período histórico. Temos, portanto, uma educação de base eurocêntrica e cristã que reverbera como modelo de cultura e dominação, fortemente ligado aos interesses de formação para o mercado de trabalho. A visão neoliberal é imperativa nesse sentido e Saviani (2007) justifica o “porque a concepção produtivista, cujo predomínio na educação brasileira se iniciou na década de



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

1960 com a adesão à teoria do capital humano, mantém a hegemonia nos anos de 1990” (p. 428), assumindo a forma do neoprodutivismo.

Para atender a estas demandas de mercado, a oferta de ensino foi pautada pela ampliação das vagas de ingresso, mas manteve-se extremamente seletiva e não garantia a continuidade do ensino devido à múltiplas retenções dos estudantes que não avançavam para as séries seguintes. Mesmo tendo o acesso ao ensino, o conhecimento fornecido era limitado, tornando evidente a deficiência na qualidade da educação a partir das avaliações nacionais realizadas a partir de 1990 (FRANCO, ALVES, BONAMINO, 2007, p. 989). A política educacional brasileira não estabeleceu à longo prazo medidas consistentes para um projeto de nação. De acordo com as necessidades do governo em vigência, a política é alterada para atender o mercado – ora mais tecnicista, ora mais propedêutica.

Apesar dessa predominância, publicações de alguns autores ao final da década de 1970 foi um impulsionador de uma ala na educação brasileira que considera outras formas de educar e fortaleceram, no Brasil, propostas de educação progressista, voltadas para transformação da realidade e da emancipação social.

A partir desse suporte teórico, o ensino pôde ser pensado de forma plural, nas diferentes formas de educação, inclusive, reconhecendo a potência de modelos não ligados ao espaço escolar tradicional. Neste sentido, Maria da Gloria Gohn (2006) traz uma relevante contribuição ao pensar a educação em três modos distintos, que apesar das características específicas e de ocorrerem em campos de disputa social diferenciados, estão intimamente ligados.

Gohn (2006) propõe as seguintes classificações: 1) Educação não formal, 2) Educação Informal e 3) Educação Formal e busca entendê-las como complementares, mas enfatiza, a potência da Educação Não-Formal e as contribuições que ela pode trazer à Educação Formal, sem excluir a importância individual de cada uma delas para a formação humana integral.

Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006. p. 26)



A partir da distinção dos conceitos e demarcações é possível constatar nossa afirmação da existência de diferentes formas de ensino e aprendizagem, que ocorrem de forma específica em cada campo social e contribuem de diferentes maneiras para a formação de cada indivíduo. Contudo, não devem ser pensadas isoladamente, dado o objetivo último que é a formação integral do ser humano. Cada uma dessas dimensões está interconectada. A escola, como centro de excelência do conhecimento formal, não deveria desconhecer a realidade da educação informal e abstrair as ações coletivas – conteúdos elementares da educação não formal – nas comunidades em que está inserida.

Gohn (2006) apresenta ainda questões que nos ajudam a compreender melhor as diferenças entre cada uma delas no que tange aos responsáveis pelo ato de ensinar.

Na educação formal sabemos quem são os professores. Na não-formal, o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc. (GOHN, 2006. p. 29)

À medida que tomamos contato com esses conceitos temos elementos evidenciadores de que a educação formal desenvolvida pela escola tradicional não é o único espaço de educação possível, e por esse motivo não pode ser entendida como o único espaço legítimo onde se dá o processo educativo. Ao afirmarmos esse aspecto, contudo, não estamos tirando a importância desse campo de educação. Apenas reforçamos que existem outros campos capazes de contribuir para a formação humana, onde o processo educativo também ocorre. Nossas incursões em campo nos apresentam que as práticas educativas constituídas no campo da educação não-formal colaboram para o reconhecimento do potencial da formação humana integral, contribuindo para que possam ampliar o pensamento e os procedimentos desenvolvidos no âmbito da educação escolar.

Segundo Gohn (2006) a educação não-formal





[...] ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças decertas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2006. p. 29)

Com as mudanças no capitalismo e o fortalecimento do neoliberalismo nas economias mundiais, a capacitação de trabalhadores para ampliar a exploração laboral se intensificou. Essas qualificações, via de regra, não visam alimentar a criticidade dos indivíduos. Daí a existência de cursos mais curtos, focados unicamente na atividade laboral, sem qualquer reflexão sobre a inserção do indivíduo nesse contexto de trabalho. Nesse ínterim, inúmeras instituições do terceiro setor passaram a desenvolver ações no campo da educação, voltadas ao ensino e capacitação para o trabalho. Algumas dessas ocupando espaços não formais de educação, passaram a cumprir parte relevante da formação humana – a formação para o trabalho –, mas sem reflexão – excluindo a formação integral do ser humano. O potencial educativo dessas instituições foi ressignificado e deixou em segundo plano as possibilidades de auxiliar no desenvolvimento da educação não formal voltada para emancipação. Transformou-se num espaço reprodutor dos ideais da educação formal tradicional hegemônica, para atender demandas de aperfeiçoamento, atualização, especialização, dentre outras necessidades para atender o mercado de trabalho.

Contudo, o potencial educativo dessas instituições não pode ser relegado a isso. A capacidade de mobilização e acesso a pessoas e grupos que estão à margem da divisão equânime da renda está para além do acesso formal das políticas públicas de acesso e distribuição de renda. Essas instituições também abrangem os campos da “aprendizagem política dos direitos dos indivíduos” e “aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem coletivamente” (GONH, 2006, p. 106-107).

É neste sentido, em especial, ao que se refere ao exercício de práticas coletivas que está concentrada a atuação do Grupo Árvore Casa das Artes<sup>5</sup>. É a partir da inserção deste coletivo de arte e educação que convidamos o leitor a refletir sobre a capacidade formativa e transformadora das ações

5 A Árvore Casa das Artes é um Grupo de teatro que além do processo de criação e apresentações artísticas, assume o compromisso de intervenção e mobilização por meio de uma ação dialógica e coletiva no Morro da Piedade, comunidade localizada no território no qual a sede da Árvore Casa das Artes está inserido, no município de Vitória – ES. Para conhecer mais o trabalho do grupo acesse <https://www.arvorecasadasartes.com.br/>.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

desenvolvidas por instituições semelhantes no Morro da Piedade, Centro de Vitória – ES.

## **2. AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO GRUPO ÁRVORE CASA DAS ARTES NO TERRITÓRIO DO MORRO DA PIEDADE E AÇÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA**

A Árvore Casa das Artes está localizada nos limites dos bairros Centro e Morro da Piedade. Além do trabalho de criação e produção artística atua com ações formativas que promovem reflexões sobre o contexto social da comunidade do seu entorno. As intervenções do grupo no Morro da Piedade tiveram início efetivo quando um dos fundadores do grupo passa a integrar o Conselho de Escola do CMEI Carlita Correa Pereira, centro de educação infantil localizado na base do Morro Piedade. A atuação ativa no Conselho de Escola ocorreu entre os anos de 2018 e 2019, mesmo período em que uma série de ataques violentos se iniciaram na Comunidade da Piedade resultando no assassinato de nove jovens<sup>6</sup>, e que abalou, significativamente, os moradores do território.

Neste contexto a Árvore Casa das Artes passou a atuar de maneira mais efetiva no território da Piedade por meio de projetos. O primeiro, denominado “Morro Vivo”, contou com recursos de financiamento privado para realização de ações socioambientais, que deu origem a produção de uma horta. As ações da horta tiveram início dentro do Centro de Educação Infantil com a turma do período integral, em ações semanais por quatro meses, onde as crianças cuidavam cada uma de um mini canteiro de ervas medicinais e no mesmo período recebiam a visita de um biólogo vinculado ao projeto que refletia juntamente com os alunos sobre temas ambientais relacionados ao bairro. Com a finalização das atividades dentro da escola o grupo de teatro em diálogo com a escola sentiu a necessidade de ampliar as ações para dentro da comunidade. Os moradores foram se envolvendo nas atividades do projeto de forma gradativa, a partir das mobilizações promovidas pelo grupo, resultando no envolvimento continuado por volta de um ano de cinco famílias (Fig. 1 e Fig. 2).

---

6 Para mais informações sobre estes casos acesse <https://www.seculodiario.com.br/seguranca/assassinato-de-jovem-na-piedade-e-o-nono-caso-em-dois-anos>. Acesso em 05 fevereiro 2021.





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

Fig. 1 Mutirão de limpeza da Horta da Piedade com moradores e integrantes da Árvore Casa das Artes.



Foto: Wyller Villaças. Vitória-ES, 2019

Fig. 2 Construção de mini canteiros com os alunos do CMEI Carlita Correa Pereira.



Foto: Vanessa Darmani. Vitória-ES, 2019

A horta se tornou um espaço de encontro entre os moradores e por consequência um espaço de educação, as lidas de trabalho eram ritmadas aos sons das histórias dos moradores mais velhos que sempre apareciam pra fazer algum relato de como a comunidade era unida no passado, de como eles construíram as escadarias de pedra em mutirão, como eram organizados os sambas de roda nos quintais e como sempre houve naquele morro generosidade entre eles.

Outros compartilhamentos de saberes de relevância durante os encontros na horta foram sobre as ervas medicinais, que no passado eram muito presentes nos cuidados entre eles, na realização de banhos, chás e benzimentos. Assim observamos a vastidão de conhecimentos que os moradores do bairro, principalmente as mulheres possuem sobre o poder das plantas medicinais. Os encontros realizados nos espaços de convivência, como é o caso horta, criaram momentos configurando-se como espaços de reavivar a memória acionada a partir do diálogo, espaços para a produção do pensar coletivo sobre a realidade presente e futuro. Se tornando estas vozes coletivas um instrumento educativo e transformador.

Estes encontros na horta entre os moradores e alunos do CMEI Carlita também contribuíram para que a comunidade se reconhecesse como parte de uma cidade. realizou em conjunto com os integrantes da Árvore, pedagogas e professoras o planejamento de aulas de campo visando a promoção de reflexões sobre as contradições entre o Morro da Piedade e o “asfalto” (Fig. 6).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

Além da visita à horta foi construído com a equipe pedagógica do CMEI um roteiro para que os alunos conhecessem outros pontos da comunidade, que mesmo sendo moradores, alguns estudantes ainda não tinham tido acesso.

Foram realizadas dez visitas com trajeto passando pela horta e por outros espaços do bairro como a sede do Grupo Raízes da Piedade (Fig. 3), uma nascente de água (Fig. 4), o mirante, e a capela. Ao final de cada aula de campo foram realizadas apresentações artísticas circenses, em parceria, com artistas da Árvore e do Grupo Circo Infinito (Fig.5).

Da organização coletiva para realização das apresentações feitas pelos dois grupos surgiu o desejo de dar continuidade para esta ação artística e como desdobramento das apresentações surgiu o coletivo denominado Circo na Floresta<sup>7</sup>.

Fig. 3 Visita dos alunos do CMEI Carlita Correia Pereira à Sede do Instituto Raízes da Piedade.



Fig. 4 Aula de campo, trecho da nascente no Morro da Piedade.



7 O Coletivo “Circo na Floresta” se estruturou a partir da chegada dos artistas do Circo Infinito, que em 2019 radicaram moradia e sede na comunidade da Piedade, o Coletivo passou a somar esforços à manutenção da Horta da Piedade e a todas as ações educativas e artísticas que a Árvore Casa das Artes. Dessa forma o Coletivo foi constituindo uma proposta integrada de educação ambiental e arte com foco na formação estética e numa vida sustentável em comunidade.

Fig. 5 Apresentação artística realizada ao final da visita no Morro da Piedade



Fig. 6 Atividades pós-campo do CMEI Carlita Correia Pereira, descida a nascente.



Fotos: Acervo pessoal dos autores. Vitória-ES, 2019

### 3. Mobilizações comunitárias e ações educativas em tempos de pandemia

Durante o contexto de pandemia, além do isolamento social e da insegurança alimentar, os moradores do Morro da Piedade ainda precisaram lidar com ataques de grupos criminosos que no período tentavam dominar o território. Dentre eles, o ataque ocorrido em 11 de junho de 2020, em meio a pandemia culminando no assassinato de um jovem que comoveu o Morro da Piedade.

Considerando a ausência de infraestrutura disponível neste território – iluminação pública, espaços de lazer e policiamento – podemos atribuir ao poder público certa parcela de responsabilidade. Em artigo recente Ali, Jesus e Ramos (2020), trazem uma série de dados sobre a ausência e qualidade dos serviços e equipamentos públicos relacionados à crimes violentos.





Os espaços livres de uso público, como demonstrado, não atendem os bairros da Regional de forma homogênea. Dessa forma, demonstram-se uma efetiva desigualdade na distribuição dos investimentos e um alto índice de crimes violentos presentes em áreas com ausência de espaços públicos. As análises evidenciam, ainda, a presença de crimes e tentativas de homicídios em áreas de disputa de tráfico de drogas, caracterizadas por baixa renda per capita e ausência de praças. Os crimes de roubos e furtos apresentam-se mais presentes quando próximos às praças com ausência de equipamentos e manutenção, e também às áreas residenciais de maior renda per capita. (ALI, JESUS e RAMOS, 2020, p. 83)

A falta de espaços de lazer na comunidade é ilustrativa do patrocínio à situação de violência referendado pelo Poder Público contribuindo para outras violências. Assim, os constantes ataques violentos sofridos nos últimos anos, bem como a exposição negativados meios de comunicação em relação a este território, fortalecem uma visão depreciativa do Morro da Piedade. Esse contexto, contribui fortemente para que a sociedade, de modo geral, tenha uma ideia deturbada da realidade local, reconhecendo apenas a situação de violência enfatizada como única possível para aquela comunidade. Em recente estudo empreendido em outra comunidade de Vitória Guimarães e Santos (2020) debatem esses efeitos.

Diante desta representação social incentivada pela mídia, o Coletivo Circo na Floresta foi procurado por moradores da Piedade, para que o grupo pudesse realizar ações que mostrassem uma outra imagem da comunidade. A realidade que permeia a ampla maioria dos moradores locais: um lugar que abriga trabalhadores e pessoas que geram renda e tem pequenos negócios dentro da comunidade. Então, o Coletivo produziu intervenções sociais com base no dialogismo, em que os moradores pudessem ser vistos e valorizados a partir de seus trabalhos.

A ação foi realizada através de registros de vídeo contando a história de alguns trabalhadores da comunidade através da ferramenta da palhaçaria. Foi inaugurado assim, durante o período de pandemia, o “Jornalhaço”, que buscava valorizar os empreendimentos da comunidade, estimulando o fomento, o consumo e o desenvolvimento do comércio local<sup>8</sup>. Depois de

8 Confira a primeira edição do Jornalhaço através do link <https://www.youtube.com/watch?v=JjWZqBrF1lc&t=169s>. Nesta edição foi apresentada o Caseirinhos da Sandra, mãe do jovem Fabrício Almeida, assassinado no ataque ao Morro da Piedade no dia 11 de junho de 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

editado, o vídeo foi apresentado aos entrevistados para aprovação e ajustes antes da divulgação constituindo uma ação com e, não para os moradores (Fig. 7).

Fig. 7 Entrevista da moradora e trabalhadora Sandra Almeida ao Jornalhaço



Foto: Vanessa Darmani. Vitória-ES, 2020.

Neste contexto de fragilidade, a comunidade despertou para seu potencial de organização e instituiu um comitê, juntamente com as lideranças comunitárias, tendo a participação de moradores e instituições do território. Uma das ferramentas deste comitê foi o estabelecimento do diálogo através de redes sociais, encontros com lideranças governamentais a partir de web conferências e grupos de aplicativos.

A partir dessa mobilização, ao longo dos meses de junho e julho do ano de 2020, foram realizados dois relevantes encontros presenciais. O primeiro, uma passeata organizada por moradores e familiares dos jovens assassinados que contou com a participação do pároco da Catedral de Vitória e o Secretário de Segurança Pública do Estado (Fig. 8). Esta mobilização resultou numa série de demandas sociais e melhorias de infraestruturas levantadas para atendimento do Morro da Piedade e adjacências<sup>9</sup>.

9 Todas as demandas podem ser consultadas em <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/apos-acao-da-justica-governo-do-es-se-reune-com-liderancas-da-piedade-0620>. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.



Fig. 8 Participação da comunidade na Ação pela Paz



Fotos: Vanessa Darmani. Vitória-ES, 2020.

A segunda ação foi realizada em meados de junho de 2020 e contou com a participação dos moradores, lideranças locais e representantes de instituições como o Instituto Raízes da Piedade, Árvore Casa das Artes, Movimento Comunitário da Piedade, Secretaria Estadual de Direitos Humanos, Secretaria de Obras Municipal, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria de Segurança Pública, Secretaria de Direitos Humanos e Defensoria Pública do Estado. A partir desta reunião uma série de encontros passaram a ser realizados para discutir ações de enfrentamento a violência na comunidade.

Diante das discussões e relatos das necessidades da comunidade, uma das observações a partir de conversas informais com os moradores do Morro da Piedade é sobre sua representação social que é colocada a partir das mídias de televisão e a construção do pensamento do resto da cidade sobre o que é a periferia. Esta não é uma prerrogativa apenas da Piedade. Sabe-se que comunidades periféricas no Brasil têm uma imagem construída a partir das mídias baseada na violência e criminalidade<sup>10</sup>. Nas conversas informais, os

10 Para um trabalho envolvendo outra comunidade de periferia da cidade Vitória/ES, ver o





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

moradores relatam sobre a importância da cidade e da própria comunidade ser vista como lugar de moradia de trabalhadores, afim que a representação negativa, associada à violência, pudesse ser revertida.

## CONCLUSÃO

Ancorados neste relato de mobilização comunitária e balizados pelo conceito de educação não-formal exposto por Gohn (2006) e pelo método de intervenção social dialógica, concluímos sobre a importância da atuação de instituições do terceiro setor que desenvolvem práticas educativas emancipatórias nos territórios onde o Estado nem sempre está presente.

Muitas instituições deste ramo têm dedicado suas ações a ocupar os espaços de educação não formal, com ações que deveriam ser promovidas pelo Estado. Entretanto, algumas instituições, como as citadas neste artigo demonstram a necessidade de além disso, promover ações que gerem a reflexão dos moradores da comunidade, afim de que eles possam encorajar-se e reconhecer o seu papel de cidadão de direito, assumindo postura de cobrança e resistência frente as ações do Estado.

As ações desenvolvidas por instituições como a Árvore Casa das Artes, Circo Infinito no Coletivo Circo na Floresta e o Instituto Raízes juntamente com as lideranças comunitárias e moradores, torna evidente a necessidade de mobilização para pressionar as instâncias competentes, em busca de ações para o reestabelecimento da segurança e desenvolvimento da comunidade.

## REFERÊNCIAS

ALI, P. C.; JESUS, L. A. N. de; RAMOS, L. L. A. Espaços livres de uso público no contexto da segurança urbana. *Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 67-86, jul./set. 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ac/v20n3/1678-8621-ac-20-03-0067.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2021.

---

trabalho publicado por GUIMARÃES e SANTOS (2020), A exclusão social como representação legitimadora da violência institucional em Jesus de Nazareth - <https://revistas.urp.edu.pe/index.php/Scientia/article/view/3568>. Acesso em 05 fevereiro de 2021.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2022.58042

FRANCO, Creso; ALVES, Fátima; BONAMINO, Alicia. Qualidade do ensino fundamental: políticas, suas possibilidades, seus limites. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 989-1014, out. 2007 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

GUIMARÃES, Ariane Lucas; SANTOS, Leonardo Bis dos. (2021). A exclusão social como representação legitimadora a violência institucional em Jesus de Nazareth. *Scientia*, v.22,n.22, p. 67 - 78, jan. 2021. Disponível em <https://revistas.urp.edu.pe/index.php/Scientia/article/view/3568>. Acesso em 26 de fevereiro de 2021.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. 6ª ed. Rio de Janeiro. Lamparina, 2007

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Leonardo Bis dos; SGARBI, Antonio Donizetti. Pesquisa intervenção como metodologia alternativa de formação de pesquisadores sociais. In SANTOS, Leonardo Bis dos; CARVALHO, Letícia Queiroz de (orgs). *Metodologias alternativas para o ensino de letras e humanidades*. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo-Ifes/Pedro & João Editores, 2019.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas*. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.

Recebido em 26 de fevereiro de 2021

Aceito em 21 de julho de 2022



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons* - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.